

SOBRE FRONTEIRAS, CIÊNCIAS E A VIDA: A EXPERIÊNCIA DE VIVER AS CORES DE OUTROS MUNDOS

Ana Lara Schlindwein
Universidade Federal da Santa Catarina
analaraschlin@gmail.com

Resumo

O "Ciências sem Fronteiras" é um programa de intercâmbio acadêmico para alunos de graduação. No ano de 2014 fiz parte desse projeto, estudando Horticultura na Universidade de Corvino, Budapeste, Hungria. Poderia ter sido apenas uma experiência científica; porém, foi mais! Esse relato é justamente sobre esse "mais" que o intercâmbio me proporcionou: é sobre as mudanças decorrentes de viver um ano fora; é sobre viajar e conhecer novos mundos, desconstruindo fronteiras; é sobre Budapeste, seus sons e cores; é sobre Chico Buarque; é sobre a arte do encontro que é a vida. Por fim, é importante avisar que essa narrativa não é só minha, ela foi composta por muitas vozes amigas que ainda devem ecoar pelas ruas de Budapeste.

Palavras-chave: Programa Ciências Sem Fronteiras. Vivência universitária. Experiência extensionista.

ON BORDERS, AND LIFE SCIENCES: LIVING EXPERIENCE AS OTHER COLORS WORLDS

Abstract

The "Science without borders" is an academic exchange program for bachelor students. In the year 2014 I was part of this project, studying Horticulture at the University of Corvinus, Budapest, Hungary. It could've been just a scientific experience; although it was more! This report is exactly about this "more" that the exchange gave me: it is about the changes that came from living one year abroad; it is about traveling and seeing new worlds, deconstructing borders; it is about Budapest, its sounds and colors; it is about Chico Buarque; it is about the art of meeting that life is all about. Finally, it is important to warn this narrative is not only mine, it was made up by many friendly voices which may still echoing through the streets of Budapest.

Keywords: Ciências Sem Fronteiras Program. University experience. Extension experience.

EN LAS FRONTERAS Y CIENCIAS DE LA VIDA : LA EXPERIENCIA DE VIDA COMO OTROS COLORES MUNDOS

Resumen

El "Ciencia sin Fronteras" es un programa de intercambio académico para los estudiantes de pregrado. En el año 2014 yo era parte de este proyecto, estudiando Horticultura de la Universidad de Corvinas, Budapest, Hungría. Podría haber sido sólo un experimento científico; pero, fue más! Este relato es exactamente acerca de este "más" que el intercambio me dio: es acerca de los cambios causados por vivir un año en el extranjero; es acerca de viajar y conocer nuevos mundos, reconstrucción de las fronteras; es acerca de Budapest, sus sonidos y colores; es acerca de Chico Buarque; es acerca de la arte del encuentro que es la vida. Por último, es importante decirle que esta narrativa no es solamente mía, fue compuesto por muchas voces amigas que debe aún eco por las calles de Budapest.

Palabras clave: Programa Ciências Sem Fronteiras. Experiencia de la Universidad. Experiencia de Extensión.

SOBRE FRONTEIRAS, CIÊNCIAS E A VIDA: A EXPERIÊNCIA DE VIVER AS CORES DE OUTROS MUNDOS

Fui dar em Budapeste graças a um pouso previsto, quando voava de Florianópolis até a Hungria, com conexão em Istambul. Previsto porque foram meses de ansiedade preparando e esperando aquele pouso, um momento curtíssimo em que o avião toca a pista e faz os mais corajosos sentirem um frio na barriga ou um leve suor nas mãos, encabulados não pela segurança do pouso, mas pelo momento que os trouxe até ali e os espera ao chegar a um lugar distante: um encontro com velhos conhecidos ou um mergulho no desconhecido.

Budapeste era pra mim um desconhecido meio conhecido, porque eu fui parar mesmo em Budapeste graças a um livro do Chico Buarque que se deu por lá uma vez e me fez

querer fazer o mesmo; tinha em mim uma paixão adormecida por aquela cidade: havia conhecido suas ruas e pontes através dos olhos de um narrador, escutado seus sons e sua língua por intermédio de outros ouvidos. Porém, eu sentia que estava na hora de ser tudo meu: era hora de Budapeste estar em primeira pessoa. A certeza de que eu ia aterrisar em Budapeste foi, por fim, graças ao “Ciência sem Fronteiras”, que proporcionou meu encontro com a bela capital húngara após meses de preparação: inscrição no programa, ansiedade, homologação, escolha da universidade, ansiedade, carta de aceite, passagens, ansiedade, malas, malas, malas, ansiedade, malas, despedidas, ansiedade. Ao final, depois de chegadas e partidas, a oportunidade do intercâmbio acadêmico se fez além e acabou transformando meu ano de 2014 em um verdadeiro livro.



Imagem 1 - Budapeste
Fonte: Registrada pela autora.

Olhe que Chico Buarque tinha me dito que a cidade toda era amarela: os telhados, o asfalto, os parques! Quando avistei Budapeste pela primeira vez era noite, 26 de janeiro de 2014 – por volta de 20h no horário local –, meus olhos se encheram de amarelo. Eram tantas luzes dos prédios históricos, igrejas e pontes iluminando o Rio Danúbio, que corta a cidade, que dei razão a Chico: de fato

anglo-saxônicos e latinos. O húngaro tem um ritmo próprio e uma cadência fonética exclusiva, causando um estranhamento encantador ao visitante que tenta decifrar seus códigos. Lembro-me de como parecia música ouvir os moradores locais conversando na rua, as frases cheias de tônica e compasso. As primeiras palavras chegaram até mim e passaram a adquirir significado



Imagens 2 e 3 - Budapeste
Fonte: Registrada pela autora.

Budapeste não era cinzenta, mas amarela. Acredito, então, que passei a amar aquele lugar que chamaria de casa dentro do próprio avião, antes mesmo de colocar meus pés sobre suas calçadas e de perder-me por suas ruas. Amei ainda mais assim que deixei o aeroporto e passei a ouvir a língua húngara, lê-la em placas e anúncios.

O húngaro tem sua origem nos Montes Urais, com as tribos magiares que povoaram a região onde hoje se localiza a Hungria. Além da língua húngara, só o finlandês compartilha dessas mesmas raízes, dando todo um ar peculiar a essa língua que se encontra rodeada por sotaques eslavos,

depois de alguns encontros, deixando de ser apenas som e se transformando em linguagem. “Szia, jó napot!”, eu dizia às pessoas na rua, que percebiam de pronto que eu era nova naquele lugar, já que os húngaros são muito fechados para saírem à rua dando “bom dia” gratuitamente. Minha felicidade foi ainda maior quando, depois de algumas aulas de húngaro, enviei pela primeira vez cartas ao Brasil com “Magyarország” em seu verso, orgulhosa de enfim parecer uma moradora da Hungria.

Dentre os acontecimentos que me fizeram cair de amores pela língua húngara e matricular-me nas aulas do idioma, o mais

marcante foi uma senhora, que deveria ter por volta de uns oitenta anos, pelos seus cabelos brancos e dificuldade em abrir a porta, que morava de frente para meu apartamento na Ráday utca (“utca” é rua em húngaro). Todos os dias, sem faltar, quando ela me ouvia abrir a porta apartamento, ela saía à varanda para conversar comigo: contava coisas sobre seu dia ou sobre os outros vizinhos, avisava que choveria ou entabulava outras conversas corriqueiras sobre o tempo.

Nunca consegui entender completamente o que ela me dizia, havia entre nós uma enorme barreira linguística, já que inglês e o português não eram comuns aos ouvidos da minha vizinha. No entanto, após algumas aulas de húngaro, certas palavras que ouvia daquela senhora já não eram tão estranhas e algumas até já saíam entendíveis da minha boca: “szép nap ma”, “hogy vagy?”, “nem beszélek magyarul”. Durante as poucas e repetidas palavras que trocávamos diariamente, aquela senhora foi meu incentivo maior de aprendizado e hora e outra penso nela com carinho, agradecendo imensamente por ela sempre sair à porta quando me ouvia. Köszönöm, barátom (“obrigada, minha amiga”)!

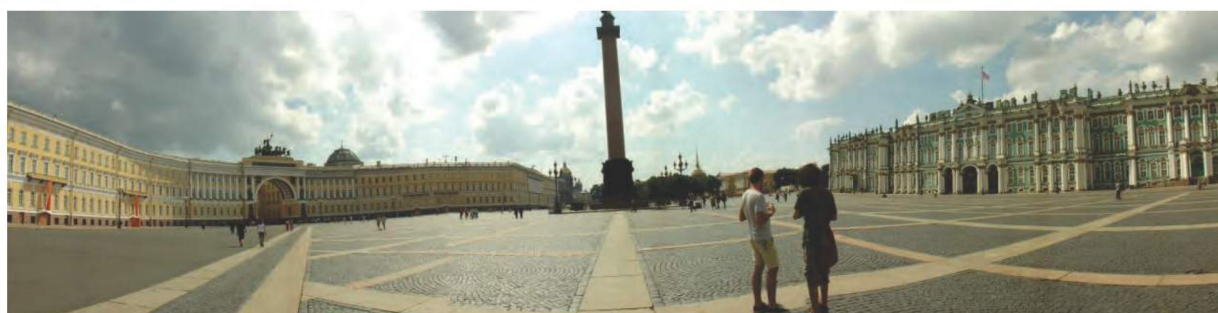
Além da língua, algo que me fascinou na Hungria foram os vinhos: há uma tradição enorme no país de cultivo de uvas e produção vinícola, o que me levou a escolher um curso bem particular durante meu ano de intercâmbio acadêmico: Horticultura. O curso de Horticultura é oferecido pela Corvinus Budapesti Egyetem (ou Universidade Corvinus de Budapeste), em inglês, para estudantes do Programa Erasmus Mundus, da União Europeia, e brasileiros do “Ciência sem Fronteiras”. Estudo Ciências Biológicas na UFSC, Horticultura seria então uma área diferente e provocadora. Não é

aparentada à Botânica?

Sendo assim, não demorou muito pra eu me ver cercada por plantas ornamentais, leis sobre a regulamentação de fazendas orgânicas, armazenamento de frutos, tesouras para podar videiras e por um grupo de estudantes de Biologia, Agronomia, Engenharia Agrícola e até Arquitetura; logo ficou evidente que a pluralidade só constrói. Os alunos ali representavam um mosaico de nacionalidades europeias, além de nós, brasileiros, que somos tão diversos como se fôssemos um continente inteiro dentro de um só país. Era um tal de finlandesa tomando erva de chimarrão durante as aulas de variedades de uvas húngaras, alemães ouvindo e comentando sobre os movimentos sociais no Brasil, russa tentando entender as letras de Chico César e espanhóis dedilhando o melhor da nossa música no violão: um mundo de intensas trocas e aprendizados que tornavam o dia a dia uma verdadeira sala de aula.

Fora do ambiente das aulas, os ventos que sopraram por Budapeste me levaram a outros caminhos e a terras novas a serem descobertas: já não havia fronteiras. De bicicleta, percorri boa parte da República Tcheca, saindo de Praga para chegar até Viena; cinco dias criando outra relação com a estrada, quando o caminho era a meta. E em meio ao caminho havia pessoas incríveis: uma estadunidense e um colombiano que viraram companheiros de viagem e perrengue. Deixando a bicicleta para trás, aventurei-me na Rússia, onde pude conhecer a pequena vila de Premukhino, local onde nasceu Mikhail Bakunin e onde tive a oportunidade de participar de um colóquio internacional em razão dos duzentos anos de seu nascimento. Ainda na Rússia, mas agora em São Petersburgo, encontrei-me com Gauguin,

Kandinsky, Matisse, Picasso e tantos outros que povoam o Museu Hermitage.



Imagens 3 a 6 – República Tcheca, Praga, Viena e Rússia
Fonte: Registrada pela autora.

O vento, no final, acabou me soprando até outro continente: com meus pezinhos na África, conheci o Marrocos e seus desertos, experimentando o melhor cuscuz. Essa foi minha última viagem antes de voltar ao Brasil e foi deliciosa pela tamanha diferença que encontrei por lá. Primeiramente, as cidades se organizam de uma forma muito distinta das europeias: a arquitetura dos prédios era outra, o movimento nas ruas se dava de maneira charmosamente desorganizado e as pessoas não eram mais tão fechadas como no Velho Mundo. O Velho Mundo inclui a África. Além disso, eu estava viajando com mais sete amigos homens, era a única mulher do grupo, em um país de maioria islâmica onde a burca é

parte da figura feminina.

Tudo isso causava um estranhamento e até certo desconforto por parte dos marroquinos, assim como minhas roupas ocidentais. Em grandes cidades turísticas como Marrakesh ou Fez, isso pouco chamava a atenção. Porém, em Chefchaouen – uma cidade menor e pouco turística encontrei meninas lindas vestindo burca, que vieram elogiar meu vestido e pedir para tirar uma foto, algo que nunca havia acontecido comigo em lugar nenhum do mundo. Entretanto, entre vestidos e burcas, estava o deserto do Saara, que em uma noite de fogueira e estrelas cadentes transformou meu Natal em mágica e fez todo o resto parecer mero detalhe.





Imagens 7 a 9 – Marrocos

Fonte: Registrada pela autora.

O mais interessante é que, em um programa como o “Ciência sem Fronteiras”, não é só sobre os crescimentos acadêmicos e curriculares que um ano em uma universidade estrangeira podem te influenciar. O programa é sobre desconstruir fronteiras, reavaliar horizontes e curtir as diferenças. Perceber que

o mundo não é tão grande assim, mas é ao mesmo tempo gigantesco em possibilidades e sorrisos; é voltar para casa, depois de um ano e perceber que estás diferente não só porque descobriu novos nomes científicos ou novas técnicas de cultivo, mas porque aprendestes a sorrir para coisas novas e dar valor para outras

que antes te passavam despercebidas. Aprender a ver pelo olhar do outro é uma das formas mais lindas de aprendizado que conheço, principalmente se procurarmos nos ver através desse olhar, construindo uma imagem plural de nós mesmos. Encontros é a possibilidade de colher um pouco do outro

comigo mesma.

Nesse processo, tive de abandonar pensamentos que não cabiam mais naquele mundo que eu desvendava, encontrei a necessidade de me refazer e terminei encontrando aquela que eu sempre busquei dentro de mim. Budapeste fez-me mais forte,



Imagem 10 - Budapeste
Fonte: Registrada pela autora.

em nós e de reinventar-nos a partir disso. A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro nessa vida, já disse Vinícius de Moraes, e Budapeste foi um encontro: um encontro com outras culturas e um encontro

talvez por culpa dos dias caminhando sozinha por suas ruas ou das idas à Universidade; ou talvez por causa das visitas aos museus ou dos rotineiros passeios de bicicleta pelas lindas pontes que enchem a cidade. Entretanto,

acho que foram os dias mais simples, aqueles ao som de um violão e cercada por outras pessoas que também acabaram dando em Budapeste, que me transformaram profundamente e me fizeram chegar em casa com uma mala de histórias de samba e amor e um sorriso mais solto.

Quando deixava Budapeste, depois de chamá-la de casa durante um ano, e olhava pela última vez a cidade pela janelinha do avião, discordei de Chico Buarque pela primeira vez. A cidade não era mais amarela, nem cinza ou azul. Budapeste se mostrava-se no final, para mim, colorida: toda colorida ressoando notas de um violão.